

5.

A pesquisa

5.1.

Apresentação das questões

Na nova realidade, em que famílias se desfazem e refazem e relações novas são formadas, novos personagens surgem na cena familiar: a madrasta, o padrasto, o novo companheiro de um pai homossexual ou a nova companheira de uma mãe homossexual, assim como os filhos dessas pessoas. Alguns desses personagens parecem ultrapassar os limites que tradicionalmente lhes eram dados, exercendo funções bem semelhantes às dos pais ou irmãos biológicos das crianças.

Que importância tem este vínculo na constituição do sujeito? O quanto influem no desenvolvimento das crianças? Poderiam os companheiros dos pais, na medida em que desenvolvem junto às crianças funções tidas como da mãe ou do pai, se aproximarem, também no plano psico-afetivo, dessa mãe ou desse pai? Poderiam chegar a substituí-los? Ou esses lugares não serão jamais verdadeiramente ocupados por quem não seja o genitor da criança? Qual o atual sentido que palavras como “pai” e “mãe” possuem, nas novas configurações familiares? Estas foram as questões que busquei investigar.

5.2.

Metodologia

5.2.1 – Técnica de coleta de dados

Foram utilizadas entrevistas abertas, individuais, com perguntas a respeito da história e da relação que se estabeleceu entre os entrevistados, deixando-os livres para falar sobre o que julgavam importante, de modo que eles mesmos me apontaram, através de seus discursos, as categorias com as quais trabalhei, na análise e discussão dos relatos.

5.2.2 – Participantes

As pessoas entrevistadas, cujos nomes são todos fictícios, foram 13, divididas em sete duplas, sendo: duas duplas materno-filiais, duas duplas paterno-filiais, duas duplas fraternas e uma dupla homoparental-filial feminina. Todas selecionadas entre pessoas minhas conhecidas ou que me foram indicadas como sujeitos da pesquisa. Apesar de haver buscado, por todas as formas, uma dupla homoparental-filial masculina para entrevistar, inclusive entrando em contato com entidades representativas de homossexuais, tais como o grupo Arco-íris, o grupo Atobá e o Falt, que congrega “famílias alternativas”, com os mais diversos tipos de configuração, não foi possível entrevistar uma dupla homoparental-filial masculina para a pesquisa.

As duplas paterno-filiais foram compostas por:

- **Rafael:** 20 anos, universitário, classe média alta, morador da Barra da Tijuca. Os pais se separaram quando ele era pequeno e o contato com o pai biológico se tornou raro. E **Rodrigo:** 40 anos, atleta aposentado, classe média alta, morador da Barra da Tijuca, casado com a mãe de Rafael.
- **Aline:** 23 anos, do lar, classe média baixa, moradora do Méier. A mãe se separou do pai quando ela era pequena e o contato com ele foi, durante toda a sua vida, muito escasso. E **Daniel:** 47 anos, engenheiro, classe média, morador do Estácio, morou durante muitos anos com a mãe de Aline, de quem agora se encontra separado.

As duplas materno-filiais foram compostas por:

- **Marcelo:** 7 anos, estudante do ensino fundamental, classe média baixa, morador de Piedade. Seus pais morreram quando ele era pequeno e vive desde então com o avô. E **Bianca:** 58 anos, do lar, classe média baixa, moradora de Piedade, companheira do avô de Marcelo.
- **Gina,** 19 anos, estudante do ensino intermediário, classe média, moradora da Ilha do Governador. Seus pais se separaram quando ela era ainda bebê e o contato com a mãe nunca foi muito regular. E **Thereza:**

35 anos, professora, classe média, moradora da Ilha do Governador, companheira do pai de Gina, desde que esta era um bebê.

As duplas fraternas foram compostas por:

- **Lia:** 36 anos, fotógrafa, classe média alta, morador da Lagoa. E **Linda:** 30 anos, produtora cinematográfica, classe média alta, moradora do Jardim Botânico. A mãe de Linda se casou com o pai de Lia quando estas eram crianças.
- **Aline:** 23 anos, do lar, classe média baixa, moradora do Méier. E **Alessandro:** 23 anos, universitário, classe média, morador do Estácio. A mãe de Aline viveu com o pai de Alessandro durante muitos anos, tendo permanecido juntos durante toda a infância e parte da pré-adolescência de ambos.

E, finalmente, a dupla homoparental-filial feminina foi composta por:

- **Junior:** 11 anos, estudante do ensino intermediário, classe média, morador do Cosme Velho. Seus pais se separaram quando ele era um bebê e sua mãe resolveu desde então assumir um relacionamento homoafetivo. E **Maria José,** 38 anos, bibliotecária, classe média, moradora do Cosme Velho, companheira da mãe de Junior.

5.2.3 – Procedimento:

Logo no primeiro contato com cada participante, foram explicados o objetivo e a forma como a pesquisa seria realizada, sendo desde logo solicitada a autorização para gravar a entrevista, com garantia de troca de nomes e omissão de qualquer detalhe que favorecesse o reconhecimento dos sujeitos, prejudicando sua privacidade, quando os resultados fossem divulgados. Feito o agendamento das entrevistas, o próximo passo foi a execução das mesmas, cujo conteúdo foi depois transcrito e analisado, através da técnica de *análise de conteúdo*.

5.3.

Análise e discussão das entrevistas:

5.3.1 – Relação parento-filial:

Da análise das entrevistas materno-filiais, paterno-filiais e homoparental-filial feminino, emergem as seguintes categorias:

- **Identificação como pais e filhos**

Fica evidente, em todas as entrevistas que, apesar de tanto a biologia quanto o sistema legal o negarem, os entrevistados consideram-se, reciprocamente, realmente como pais e filhos. Mesmo quando existem também filhos biológicos, foi declarado não haver a menor diferença, em matéria de sentimento, entre estes e o “filho do coração”.

“Tenho 3 filhos. Três, contando com ele. Dois biológicos.(...) Eu e Aline tivemos três filhos únicos” (Rodrigo)

“Eu vejo os pais biológicos dos meus amigos e vejo ele: é a mesma coisa (...) Ele é tão pai, que pra chegar a esse ponto, tem que ser muito pai assim, na sua vida.” (Rafael)

“Bom, todo mundo falando sobre mãe, no Dia das Mães, aí sempre tem aqueles comerciais que mãe é aquela que faz isso, faz aquilo e aí eu fui vendo que, pô, (...) a Thereza faz isso tudo (...) Dia das Mães, quem ganhava presente era ela. Quando a professora falava que eu ia fazer um presente para a minha mãe, eu não pensava na Denise, eu pensava direto nela. Não tinha essa coisa de indecisão, era certo. Dia das Mães, chegava em casa com uma surpresa para ela.” (Gina)

Quando perguntei a Marcelo o que Bianca era para ele, a resposta foi imediata: “Mãe”.

Diante da mesma pergunta, Junior respondeu: “Minha segunda mãe.” Interrogado ainda sobre quem escolheria para ser sua mãe, caso Helena não pudesse sê-lo, respondeu, de forma contundente: “A Maria José.”

“... a gente se separou, mas o laço continuou né, porque as crianças me conheceram, e a posição de pai quem marcou fui eu. (Daniel)

“Eu levei ele agora na quinta-feira comigo pro meu trabalho para ele almoçar comigo. Aí, a menina me perguntou se era meu filho e eu disse que era. (...) com o Junior é assim, é o meu filho, então eu digo isso para todo mundo, e se alguém quiser maiores explicações, é outra história. Mas essa nossa relação é com certeza de mãe e filho.” (Maria José)

Esse aspecto encontrado nos discursos dos entrevistados remete-nos às vivências de outros povos, descritos por Lévi-Strauss (1956), Freud (1999), Mitchell (1976), Malinowski (1976), Morgan (1976) e Engels (1976), entre outros autores. Por exemplo, a experiência poliândrica do Tibete ou do Nepal, onde vários homens são casados com a mesma mulher, sendo um deles escolhido – sem nenhum comprometimento com o vínculo sanguíneo ou biológico –, para exercer as funções de “pai legal” das crianças nascidas desta mulher. Ou das mulheres africanas, que desposam outras mulheres, de cujos filhos são também tidas como mães, apesar da ausência de liame genético. Ou ainda, das tribos australianas descritas por Freud (1999), nas quais termos como “pai”, “mãe” e “irmão” representam mais relacionamentos sociais do que ligações biológicas.

Os relatos dos entrevistados vão ao encontro da teoria de Lévi-Strauss (2003), para quem família estaria longe de ser algo biologicamente dado. Define o autor, como vimos no primeiro capítulo, família como uma invasão da cultura no campo da natureza, sendo a família biológica, para ele, apenas uma abstração, sem nenhuma relação mais profunda com a realidade histórica.

Pode-se considerar também esses depoimentos como um reforço às idéias de Bock (2001), que defende que a noção de família é relativizada conforme a época e o contexto, modificando-se esta em sua estrutura, sua função e seu significado, conforme se manifestam a cultura e as condições sócio-históricas de determinada localidade. Ficam reforçadas também as idéias de Fachin (1996), que afirma que a família é como uma moldura preenchida com vida e sentimentos, e não com meras abstrações e conceitos jurídicos.

- **Necessidade da denominação**

É comum, em todos os casos pesquisados, que aqueles que estão na posição filial sintam necessidade de denominar claramente o outro de “pai” ou “mãe”, em algum momento de suas vidas.

“Ele mesmo me chama de pai. Pra mim ele não pediu. Pediu pra mãe dele”.
(Rodrigo)

“O bilhetezinho, ele que fez para me chamar de mãe. Ele escreveu perguntando se ele podia me chamar de mãe. Aí eu disse que podia, que era um presente de Deus ele me chamar de mãe. Aí ele me disse que a partir daquele dia eu era a mãe dele”.(Bianca)

“Eu pedi para a minha mãe para chamar o Rodrigo de pai”. (Rafael)

Perguntado a respeito do modo como se referia a Bianca, Marcelo respondeu: “Chamo de mãe.”

“Eu nunca cheguei a chamar ele de pai, mas assim, quando escrevo no Dia dos Pais, eu falo, ‘para o meu pai querido’. (...) quando eu tô em algum lugar, eu falo que ele é meu pai.” (Linda)

“... uma coisa foi puxando a outra, aí começou, e como eu chamo meu pai de papai, meu pai, aí começou minha mãe, mamãe” (se referindo à Thereza) (...) “E, por outro lado, eu não me sentia mais a vontade de chamar a Denise de mãe.” (Gina)

“... um belo dia ela me pediu. ‘Eu posso te chamar de mãe?’ Aliás até está gravado. (...) na fita ela chegou pra mim e perguntou: ‘Só falta uma coisa para a minha felicidade ficar completa, eu poder te chamar de mãe. Eu posso te chamar de mãe?’ (...) Ela veio e me abraçou, chorou e eu disse que sempre ela pôde me chamar de mãe. Só não chamou porque não quis. (...). Ela sempre me chamava de Thereza, mas quando falava para outras pessoas, era ‘minha mãe chegou, minha mãe chegou’. Aí, depois desse dia, ela começou a me chamar de mãe.” (Thereza)

Tal aspecto encontrado nos depoimentos dos entrevistados me remete a uma palestra proferida pelo muito admirado prof. Calmon de Passos, em um interessante evento interdisciplinar. Dizia ele que não via a razão das pessoas se preocuparem tanto com nomenclaturas, quando se sabe que a essência da coisa não se altera por causa do nome que lhe seja colocado. Com este argumento, pretendia ele propor que todas as “famílias sociológicas”, não regulamentadas pela norma constitucional e pelo Código Civil de 2002, desistissem de se ver reconhecidas juridicamente como “famílias”, deixando-se chamar, como sugeri na ocasião, de “centros de convivência”, por exemplo.

Por mais ardorosamente que admire o professor, sendo sempre ouvinte atenta e embevecida de suas palestras, não posso concordar com ele nesse ponto. Se uma rosa não deixaria de ser uma rosa, caso outro nome lhe fosse dado, a

necessidade de denominação que apareceu largamente nas respostas dos entrevistados parece comprovar que, para as pessoas que vivem nessas famílias, especialmente as crianças e adolescentes que ali crescem e se desenvolvem, faz sim muita diferença poderem se ver no seio de uma família, podendo denominar aqueles que os criam como pai e/ou mãe, ao invés de se perceberem apenas como integrantes de um “centro de convivência” e os que os educam como meros companheiros de seus pais. Diferença essa que atinge a sua esfera psicossocial.

Isto porque, neste caso específico, um nome não é apenas um nome. É dotado de simbolismos e sentidos fundamentais para a constituição daqueles que ali se estruturam. E é uma forma dessas crianças e jovens demonstrarem que reconhecem naqueles adultos as características e funções tidas como próprias de pais e/ou mães. Esse dado vem reforçar a idéia de Silveira (1998), de que são os afetos produzidos na relação interpessoal que nomeiam os seus integrantes, ajudando a definir os lugares de pais e filhos.

- **Ausência de planejamento**

Pelas entrevistas feitas, um dos pontos que ganha destaque é o fato de que nenhuma das pessoas envolvidas nessas relações planejou ou decidiu previamente que ia assumir o papel ou função que acabaram desempenhando nas vidas umas das outras. Foi o tempo e as experiências que compartilharam que fez com que ganhassem a importância que ganharam reciprocamente, sem ter havido qualquer decisão consciente nesse sentido.

“Aconteceu. Não parei para pensar nisso. Aconteceu. A gente assume essa responsabilidade no dia-dia mesmo”. (Rodrigo)

“Eu sempre gostava, eu gostava dele. Mas nunca pensei que um dia aquele garoto seria meu”. (Bianca)

“Nada foi assim planejado, as coisas foram acontecendo e em função do que acontecia a gente dava mais um passo.(...) Quando viu já tava.” (Daniel)

“A gente passou a dividir a mesma residência, (...) aí comecei a conviver mais com o Junior, diariamente. E comecei a assumir responsabilidades também, foi natural.(...) Mas não é uma coisa de dizer que agora eles eram meus filhos, porque isso não acontece. É uma coisa natural, uma questão de afetividade. Eu começo a buscar por eles e eles por mim.” (Maria José)

Isto vem confirmar que, muito mais do que uma pré-determinação ou uma resolução consciente, a relação de pais e filhos, tal como dizia Muniz (1998), é uma relação que nasce do cotidiano, do envolvimento, do acompanhamento e da proteção da criança em todos os passos de sua vida. Como bem ressaltado por Gadotti (1998), esta é uma relação que demanda tempo e disponibilidade, presença ativa e atenção; e que, como afirma Silveira (1998), é co-construída e reconstruída permanentemente.

- **Precocidade da convivência**

Parece que o fato de a criança ser bem pequena quando a convivência se inicia também é um fator essencial para justificar que o padrasto possa ser visto pelo enteado como pai ou a madrasta (ou “vodrasta”) como mãe, ao invés de permanecerem percebidos apenas como o companheiro ou companheira do genitor (ou do avô). Isso deixa nos “filhos” a impressão de que eles são pessoas que estiveram sempre presentes em suas vidas.

“Ele tinha 2 anos de idade, o que também é uma... facilidade, né? (...) Talvez seja diferente a mesma situação com um garoto adolescente. Imagino que seja mais difícil, mais complicado”.(Rodrigo)

“Desde que eu me entendo por gente ele está sempre ali. Eu não lembro da parte em que minha mãe se separou e ele veio. Lembro dele ali, tipo, parece que eu abri o olho e ele estava ali. (...) Desde quando eu me lembro, o Rodrigo estava ali, um pai pra mim, nunca foi como tio”.(Rafael)

“Quando o pai dele faleceu, ele estava com 2 anos. Porque o pai dele faleceu em fevereiro, e ele completou 2 anos em janeiro.” (Bianca)

“Eu fiquei com ela desde bebê, tive a oportunidade de criar e estar com ela muito mais tempo do que o pai biológico dela.” (Daniel)

“... o Junior tinha feito 2, eu acho,... era bebezinho, tomava mamadeira ainda. (...) estava na fase de precisar mais e de eu poder atender, então começou a criar esse laço né? É como se eu fosse uma segunda mãe dele, naturalmente, porque se a Helena tinha que sair, pra quem ele ia correr?.” (Maria José)

“Eu tinha só 4 anos.” (Gina)

Certamente, quando a criança conhece, em tenra idade, determinado adulto, que participa de sua educação, transmitindo-lhe os conhecimentos, valores,

hábitos e costumes necessários à vida em sociedade, fica com a imagem deste adulto associada às suas primeiras lembranças e experiências de socialização. Sendo educação e socialização funções primordiais da família e dos pais, talvez por isto se torne mais fácil para a criança encarar como pai ou mãe aqueles que, pelo efetivo desempenho dessas funções, foram os primeiros modelos para ela, possibilitando-lhe a internalização da cultura e a apropriação do mundo à sua volta.

- **Ausência do pai/ da mãe**

As respostas obtidas na entrevista denotam também a necessidade de o espaço psico-parental ter sido deixado, por qualquer razão, vago, pelos pais biológicos, para que uma outra pessoa venha a ocupá-lo:

“Talvez o pai dele tenha se afastado mais do que devia... Ele tem uma relação lá com o pai dele, mas eu acho muito distante, entendeu? (...) Eu acho que ele deveria tentar se aproximar mais do pai dele, porque é o pai dele. Eu não sei como pode um negócio desse acontecer. Eu tive um padrasto também, que foi presente, mas é isso que eu tô te falando, o meu pai nunca foi ausente”. (Rodrigo)

Questionado a respeito do seu pai biológico, Rafael respondeu:

“É tipo um tio distante, assim. (...) Eu só lembro que tenho outro pai, assim, por detalhes da vida (...) Tipo, ele nunca fez nada como pai, mas ele quer o reconhecimento de pai. Pô, é impossível isso, não rola, e eu não vou dar. Não vou. (...) Com o meu pai biológico, não sinto proteção nenhuma. Se por algum acaso, eu tivesse que morar com ele, não agora, mas quando eu era mais novo, acho que eu ia ficar com medo de acordar e ficar lá. Não ia ser confortável” (Rafael)

“... durante o tempo que a gente viveu junto (...) ele pouco procurava ela. Ela quase nunca via o pai.” (Daniel)

Perguntada a respeito do pai biológico, se o tinha também como pai, Aline respondeu:

“Tenho os dois, mas tenho mais o meu pai Daniel do que ele. (...) Sinto falta dele, mas como ele não era presente na minha vida, eu não sinto tanto.”

“... a gente não teve relação com o nosso pai. Nosso pai, teve uma relação péssima, pelo menos comigo. A gente parou de se ver. Teve até uma época que

eu lamentava, ficava revoltada, com o abandono dele assim, e teve época que eu queria que o Haroldo me adotasse.” (Linda)

Em relação a Bianca e Marcelo, o mesmo aconteceu. O pai e a mãe do menino haviam morrido quando este foi morar com ela e o avô, e, por isso, tinham deixado disponível o espaço psicoparental.

“De certa forma, ele assumiu os filhos da mulher dele, porque o pai da Linda, da Josefa e do Miro, não era um pai muito presente.” (Lia)

“Não tenho contato com o meu pai”. (Junior)

“...porque o pai está sempre longe.” (Maria José)

“...a Denise era assim, ela queria sair, ela me deixava com a vizinha e voltava 2, 3 dias depois. (...) ela sumia e ficava muito tempo sem aparecer. (...) teve uma época que ela ficou uns 2,3 anos. Aí, depois, ela apareceu de novo e era sempre assim. Ela ligava, me perguntava quando eu ia lá na casa dela pra gente sair e tudo mais... quando aparecia, combinava com o meu pai a hora de me deixar, aí ela não aparecia para me deixar em casa, sempre (...) estava ocupada com festas, com os homens. Aí às vezes marcava, mas não aparecia para me buscar. Eu me arrumava, toda bonitinha e acabava o dia, e ela não vinha. E aí, depois, o período que ela sumia foi crescendo, e, do nada, ela aparecia e ligava dizendo que ia me levar na casa dela, que eu tinha que conhecer o meu irmão. E eu nem sabia que eu tinha irmão...” (Gina)

Tais depoimentos ilustram as altas taxas de filhos que não usufruem a convivência com os próprios pais, ressaltadas pelas estatísticas apresentadas por Montgomery (1998), vêm reforçar os estudos de Silveira (1998) e de Ramires (1997) a respeito da tendência ao afastamento e à interrupção do convívio entre pais e filhos, em caso de separação do casal parental, em relação àquele que não fica como detentor da guarda.

Os relatos ainda parecem corroborar a idéia de que genitor não é o mesmo que pai, nem genitora o mesmo que mãe, confirmando a pouca influência que o vínculo biológico/consangüíneo tem na determinação de quem ocupará o espaço psicoparental da criança, e comprovando a tese de Badinter (1985), de que o famoso “instinto materno” foi uma criação humana, que atendeu a determinados interesses sociais, inexistindo na natureza. Nem todas as mulheres possuem o desejo de maternar seus filhos, e o amor materno não está profundamente inscrito na natureza humana. Ao que parece, estava certo o Dr. J. Gerard (*apud*

Badinter,1985), quando dizia que o mérito da galinha não começava quando botava o ovo, mas sim quando desempenhava seu dever, privando-se de sua liberdade para chocá-lo com consciência.

- **Cuidados parentais**

Outro ponto que parece ser comum entre os entrevistados é que o adulto que assume a posição de pai ou mãe da criança desenvolve para com ela uma série de cuidados e atenções que estamos acostumados a esperar que sejam dados pelos pais biológicos. Isto inclui idas a escolas ou médicos, castigos e punições visando a disciplina, conselho e um acompanhamento próximo das crianças, em cada etapa de suas vidas.

“Foi meu primeiro filho, né? Assim, de ter que cuidar, dar atenção. A primeira criança que eu acompanhei de perto. (...) O dia-a-dia, assim...poxa, a criança se machuca, aí você corre para cuidar, levar no médico (...) Quando ele fazia alguma coisa no colégio, tinha que falar mais duro com ele, fazer alguma coisa, ter que colocar de castigo. Tivemos algumas discussões sérias, na adolescência, e até mesmo quando ele era criança. Aconteceu. É normal (...) tem que falar de drogas, brigas, usar camisinha... (Rodrigo)”

“Eu cuido dele. Dou banho, café, preparo para a escola, eu tenho ele como filho. (...) Eu é que cuido dele em tudo” (Bianca)

“...em relação a doença, quando ficava sério mesmo, sempre quem levava pro médico era eu, eu trabalhava perto, questão de 5 minutos eu estava em casa, então ela me ligava, eu pedia despensa e ia pra casa.(...) sempre fui eu que socorria todo mundo” (Daniel)

“...quando eu fiquei doente, quem estava do meu lado, pra quem eu posso contar todos os meus segredos, quem tá sempre comigo, quem me diz o que é certo, o que é errado, quem briga, até a primeira vez que eu fiquei menstruada, meu Deus, quem me ensinou tudo foi ela, e não a Denise. (...) sempre que preciso de alguma coisa, quando fico feliz, ela fica feliz, e sempre que estou triste, ela tenta me ajudar, segura a barra, mesmo que ela não possa me ajudar, ela ajuda de outras formas. Está sempre torcendo por mim, contando e tal, ajudando, me ensinado alguma coisa. Na hora de brigar, briga mesmo; na hora de dar parabéns, é a primeira,...” (Gina)

“...na escola, na reunião de pais, na matrícula, tudo eu fazia. Eu que assinava como responsável, que tratava de tudo.(...) eu fazia tudo. Conferia os deveres de casa, tomava lição, fazia comer, (...) Eu tinha que empurrar a comida, você entende? Pelo pai, eu só fazia batata frita. Mas eu tinha que ensinar. (...) uma vez que ela estava muito doentinha, nós colocamos um colchonete ao lado da cama dela, e cada hora era um que ficava ao lado dela. Quando um cansava, o outro revezava.(...) quero saber qual a amiga, aonde vai, com quem vai, com quem

volta. Tem hora de chegar (...) quero estar sempre sabendo de tudo. Já disse que não quero estar sabendo por outros que ela está no Shopping, ou está namorando.” (Thereza)

“...as duas cuidam. Quando minha mãe veio pra cá, era a Maria José”. (Junior)

“Eu passava na rua e falava que ia levar uma coisa pro Junior. Sabe aquela coisa de ‘ah, vou levar uma coisa pro meu filho’? (...) Ele quebrou o braço jogando futebol na escola e a escola ligou para o meu trabalho. (...) Depois levei ele pro meu serviço, dei lanche para ele, comprei os remédios, fiquei cuidando dele. Passei a noite em claro porque ele gemia muito. E isso é uma coisa natural, se faz por qualquer filho.” (Maria José)

Percebe-se assim que o exercício desse “cuidar”, amplamente vinculado ao papel da mãe, como ressaltam autores como Rousseau (2004), Winnicott (1982, 1999, 2001), Mélanie Klein (1981,1982) e Bion (2004), e, de algum tempo pra cá, também exigido do chamado “novo pai”, conforme analisado por autores como Ramires (1997), Gadotti (1998) e Jablonski (1995, 1998, 1999), facilita a identificação das pessoas que efetivamente o exercem com os ditos exercentes naturais daquelas funções, isto é, os pais e mães biológicos. Sendo o acompanhamento escolar, os cuidados na doença, as atenções com higiene pessoal e alimentação, funções tipicamente parentais, como salientado pelos autores acima citados, torna-se compreensível que as pessoas que comumente as exercem sejam desta forma percebidas por aqueles de quem cuidam. Pensando nas funções tipicamente paternas e maternas, é que Lacan (2002) defende ser apenas contingente que os componentes da família sejam ligados entre si por laços biológicos, deixando de se referir a pai e mãe, para aludir às funções paternas e maternas.

Em relação mais especificamente aos homens, os relatos vêm também confirmar a assertiva de Burdon (1998), segundo o qual nada impede que os eles dividam ou mesmo assumam o cuidado com as crianças, cruzando a linha de demarcação dos sexos, e demonstrando ampla competência em tarefas ditas femininas. Também confirmam os dados levantados pela pesquisa de Ramires (1997) a respeito da existência de interesse da sua parte, pelo exercício dessas funções, tão culturalmente próprias da maternagem.

- **Divisão de tarefas**

Aqueles que convivem com um pai biológico e uma mãe sócio-afetiva, ou o inverso, tratam ambos com a mesma intimidade, havendo uma espécie de “divisão de tarefas” entre eles, muito comum de acontecer em famílias onde os filhos convivem com os dois pais biológicos.

Perguntado sobre a quem costuma pedir dinheiro quando precisa, Rafael responde:

“A quem tiver na frente. (...) Tem coisa que são estratégicas: assim, mãe é pra isso, pai é pra isso (...) pra você dividir assim, essa coisa pra minha mãe, essa coisa pro meu pai, ele é completamente seu pai assim, né?” (Rafael)

“Em relação ao Junior, por exemplo, ela é mais coração mole, eu sou mais dos limites. (...) Mas às vezes é diferente também, ela dá o duro e eu pego leve. Mas eu acho que é uma coisa natural, não tem aquela de eu tenho que pagar as contas e ela cuidar da casa. Isso não existe.” (Maria José)

Esse tópico me leva a uma associação com as assertivas de Ramires (1997) e Chodorow (1979,1990) sobre a divisão sexual das tarefas parentais, que, segundo elas, obedece muito mais a fatores ideológicos e culturais do que a circunstâncias biológicas e naturais, sendo artificialmente criada em nossa organização social. Percebe-se naquele que não é biologicamente ligado à criança, mas que vem assumir, junto a ela, funções parentais, tendência de repartir com o companheiro ligado biologicamente à criança, as tarefas parentais, exatamente como faria se houvessem concebido juntos o filho, numa demonstração clara de que Lévi-Strauss (1976, 2003) estava certo ao afirmar que a relação familiar é basicamente uma invasão da cultura na natureza.

- **Manutenção dos filhos**

Pais sócio-afetivos arcam com a manutenção desses filhos tanto quanto arcam com a dos biológicos, sem discriminação.

A respeito dessa questão de dinheiro, perguntei a Rodrigo como tinha sido na criação do Rafa, se era Aline quem pagava os gastos gerados pelo filho, era o próprio Rodrigo quem arcava com tudo ou se havia uma divisão. Queria saber se havia diferença nesse campo entre Rafael e os outros filhos do casal. Rodrigo respondeu:

“Não, não, é normal, igual para todos eles. (...). Até hoje, isso não acontece, porque ele ainda mora aqui, e tem as coisas dele.” (Rodrigo)

“...eu bancava tudo, eles estudavam no mesmo colégio e, questão de roupa, quando comprava pra um comprava para todo mundo, era sempre assim. Na época de Natal, Dia das Crianças, todo mundo tinha presente, e presentes de valores equivalentes, não era melhor para o Alessandro e a Mirela, e mais barato para elas. Isso nunca aconteceu.” (Daniel)

Como visto no 1º capítulo, uma das funções desempenhadas pela família é a função econômica, de manutenção de seus membros, função essa que, na divisão sexual e ideológica das tarefas parentais, coube, historicamente, sobretudo ao pai, tendo sido este, durante muito tempo, dispensado de qualquer outro encargo e atribuição, fato que levou Parseval (1986) a afirmar que o homem ocidental sofreu amputação de parte da sua paternidade. Do homem se esperava apenas, como explicitam Badinter (1985) e Ida Sée (*apud* Badinter, 1985), entre outros autores, que voltasse do espaço público, trazendo para casa os recursos obtidos com o seu trabalho, com os quais proveria tudo o que a família necessitasse, proporcionando-lhe todo o conforto que pudesse. Era o desempenho dessa função, conforme asseveram as autoras, que tornava o homem merecedor de ser reconhecido como um bom pai, sendo por isto valorizado.

Percebe-se que os homens entrevistados que se casaram ou se uniram a mulheres que já tinham filhos, incorporaram para si também esta função, o que talvez tenha facilitado ainda mais o seu reconhecimento como verdadeiros pais das crianças que passaram a criar.

- **Tempo livre compartilhado**

O tempo livre gasto em atividades conjuntas também aparece como algo fundamental no estreitamento desses vínculos, lembrado com prazer por parte de todos.

“A gente era morador de Copacabana, freqüentador da praia, (...) sempre eu ia à praia, e ele era novo e companheiro constante. Ia ao cinema e nos lugares mais perto.(...) Ontem, por exemplo, ele foi almoçar e jantar comigo (...) De vez em quando, a gente vai ao cinema juntos. Hoje em dia, a gente vai à academia juntos, faz exercícios, corre, ...” (Rodrigo)

“A gente sai, vê filme, a gente vai pro shopping. Ele adora cinema, tá querendo que eu leve ele à praia, mas o avô não deixa (...) Por mim, eu levava esse garoto até o céu.” (Bianca)

“A gente brinca de xadrez, de baralho, conta piada, conversa (...) Vamos no shopping, no cinema, no parque”. (Marcelo)

“Desde pequeno, assim, jogava videogame juntos, brincava, ele ficava brincando comigo, tudo. Jogava bola, ficava me ensinando, ia pro cinema (...) Mas tô sempre com ele assim, ele fala: ‘vamos lá’ e eu vou, sempre, pra tudo...” (Rafael)

“Meu pai sempre gostou de levar a gente pra passear, pra ver o verde, era até uma coisa que a gente não gostava muito, mas que... A gente morava lá em Anchieta, aí ele enchia o carro com a gente, e a gente ia brincar no parque, balançar, ele levava a gente no aterro, ou levava a gente no aterro, ou levava a gente na praia, sempre gostou de ir à praia, a gente sempre ia à praia, assim, no final de semana da tarde pra noite, a gente ia pra praia, todo mundo. Quando a minha mãe não ia, ele ia com a gente, ele não se importava de ir só com a gente. Era muito bom. Eu me lembro que nos sábados, quando ele acordava, ele ligava o som e a gente, ele ficava dançando aquelas danças loucas, e a gente ia tudo atrás dele. Eu me lembro da diversão.” (Aline)

“A gente gostava muito de ir à praia. (...) Nós íamos muito à praia, era o que a gente mais fazia.” (Daniel)

“...a gente ainda sai bastante juntas. (...) Às vezes, a gente vai ao shopping; às vezes, a gente vai ao cinema,... antes do meu irmão nascer, a gente ia toda semana no cinema, às vezes, a gente vai na casa das minhas tias, a gente viaja bastante juntas. E quando a gente fica em casa, a gente vê filme, conversa, a gente faz qualquer coisa, mas a gente gosta de ficar juntas. O pessoal até estranha, quando me perguntam o que vou fazer e eu digo que vou ficar com a minha mãe, eles começam a falar que é sexta à noite, aí eu falo que já tem tempo que a gente não fica junta, o que é mentira, às vezes não tem nem 1 dia...” (Gina)

“A gente sempre ia muito ao cinema, muito à praia, muito ao clube, a gente fazia tudo muito junto. A gente sempre fez tudo muito com a família. Quase a gente não saía sozinho, era muito raro. Depois que ela fez quatorze anos, começou a ir com a gente também. Por exemplo a gente ia pro Farol dançar e levava ela. Depois samba. Chegava tudo junto.” (Thereza)

“a gente vai ao shopping.(...) Ela me ajuda nos deveres de casa, joga futebol de botão comigo...” (Junior)

“...a gente vai à praia, ao cinema, fica em casa...” (Maria José)

Gadotti (1998) diz que a paternidade necessita de tempo e de disponibilidade, e que o tempo gasto com os filhos é que permite o

estabelecimento de um vínculo, intensificando as relações. Podemos dizer o mesmo sobre a maternidade também, é claro.

Também é esse tempo compartilhado que permite aos adultos o desempenho das diversas funções tidas como da família e dos pais. Não apenas as funções educativas e socializadoras, mas também a de transmissão da cultura e a de desenvolvimento das potencialidades humanas, além de funções apontadas por Winnicott (1982) como eminentemente maternas, tais como as denominadas por ele de *holding e handling*.

- **Envolvimento nos interesses do outro**

O tempo compartilhado parece ser ainda mais marcante quando há a participação de um em algo que diga respeito ao outro, em uma atividade que lhe é própria. O envolvimento de um naquilo que é importante para o outro.

“Ele tem uma banda, toca (...) Já conheço. Ele me mostra as músicas (...) Agora ele está começando a descobrir as músicas do meu tempo, assim. Os anos 80. ‘Essa banda pô, como é que era?’ Aí, eu conto as histórias, digo as que fizeram maior sucesso, não sei o quê... Ele foi a um show. Ele gosta disso!” (Rodrigo)

“Ah, quando eu vou para os treinos com ele, é bem aquele estilo de pai e filho assim, é bem legal. Isso marca. (...) Toda segunda feira eu vou pro treino com ele. Fico vendo e torcendo”. (Rafael)

“Sempre que dava ele ia. Eu cantava no coral da escola, aí ele ia ver. (...) Tenho uma banda. Ele vai lá, vê. Eu tinha um estúdio de gravação, ele ia lá ver se tava tudo bem, levava meu avô lá, falava para os amigos dele”. (Rafael)

“... eu me lembro muito bem dele presente assim, não só financeiramente, mas assim... Ele que foi no colégio ver como estavam as minhas notas, aí as minhas notas não estavam boas. Eu tava no segundo bimestre com todas as notas vermelhas. (...) Ele foi lá falar com a professora. (...)Eu me lembro muito disso, ele era presente sim, com esse negócio de colégio.” (Aline)

“... reunião de pais eu participava, comemoração do dia dos pais, dia das mães eu ia também.(...) no dia dos pais quem ia era eu e quando era uma coisa assim atividade cívica, ou então final de ano, a gente ia todo mundo junto, inclusive os outros porque separou de colégio outra vez, então uns iam na festa dos outros.” (Daniel)

“...a gente ficou muito tempo para ela poder engravidar porque meu pai fez vasectomia, e quando não dava certo, a gente sempre ficou triste junto, sempre chorou junto.” (Gina)

“Ela sempre soube que eu queria engravidar e torcia. (...) Teve uma época que eu quis voltar a trabalhar e perguntei se eu podia contar com ela um certo período do dia, se seria abuso, exploração, e ela disse que ficaria.” (Thereza)

“No último aniversário dele, que a Helena não estava lá, eu passei uma fita e disse pra ele escolher os amigos dele, falei um número xis e ele convidou. Ele escolheu o que ele queria de lanche...” (Maria José)

A partir da literatura estudada, percebe-se que o envolvimento nos interesses do outro é fator primordial para o exercício de uma outra função de suma importância da família: a função emocional e psicológica, que faz dela, como diz Fachin (1996), um refúgio afetivo, emanador de toda a felicidade possível.

Para ser continente, como postula Bion (2004), a pessoa que desempenha as funções maternas deve demonstrar interesse nas questões e nos problemas que digam respeito àquele que se encontra na posição de filho, acolhendo suas angústias, inseguranças, incertezas, e ajudando-o a melhor elaborá-las. E aquele que desempenha as funções paternas, consideradas do ponto de vista da “nova paternidade”, também deve estar presente nos momentos importantes para o filho, compartilhando com ele alegrias e tristezas, conforme ressalta Almeida (2003).

Gadotti (1998) enfatiza a necessidade da conversa, do diálogo permanente e interminável para a consolidação da relação parento-filial, assim como ir ao colégio e sentar na carteira onde o filho senta, acompanhá-lo ao jogo de futebol ou fazer com ele a lição de casa. Esse envolvimento da figura parental nas atividades de interesse do filho é que vai gerar, segundo o autor, o sentimento de estar amparado, seguro, e poder contar com aquele a quem se denomina “pai” ou “mãe”. Isto é que dá a segurança emocional ao filho, desempenhando plenamente os pais, por essa via, a função psicológica e emocional da família, já antes destacada.

- **Reconhecimento da autoridade**

Os “filhos” não hesitam em reconhecer nesses pais “sócio-afetivos” pessoas com autoridade para discipliná-los, ralhar com eles e puni-los, a fim de educá-los e mostrar-lhes o certo e o errado.

“No início, ele era obediente, mas ficava naquela... Depois, ele passou a aceitar mais o que eu falava do que o que a Aline falava” (Rodrigo)

“Ele é obediente. Eu falo, ele atende. Ele não gosta que brigue com ele não. Aí eu falo que se ele não quer que eu brigue, tem que me atender (...) Ele me obedece.” (Bianca)

“Quando tem que dar esporro dá. (...) Ah, ‘vai estudar vagabundo’, não sei o quê... Tudo que os pais falam”. (Rafael)

“Ela conversa comigo. (...) Ela fala pra mim não fazer o que é errado”. (Marcelo)

“Ele é a pessoa que eu mais respeito no mundo. Respeito muito, não tenho coragem de responder, de falar mais alto” (Aline)

“... a Aline sempre foi respondona, malcriada, menos comigo. A única pessoa que eu conheço que tem autoridade sobre ela. O que eu falo ela escuta e eu, nunca foi preciso... Eu nunca bati nela, esse tipo de coisa.” (Daniel)

“... era assim: ela falou não, é não. (...) às vezes eu chego pra ela e peço para ir a algum lugar, se ela falar não, eu não vou perguntar para ele. Porque já é não. (...) Mas sempre assim, eu pergunto para quem tá na hora, não tem essa diferença assim. Nunca teve.” (Gina)

“Sempre pude repreender.” (Thereza)

“...a Maria José só deixa a gente fazer o que é pra fazer. O que não é pra fazer, ela não deixa mesmo.(...) Briga e põe de castigo.(...) é como é com a minha mãe.” (Junior)

“Ele me obedece. (...) Até porque pra dar uma ordem, eu sempre tento explicar porque tem que ser daquele jeito (...) e ele tem a segurança de que eu estou fazendo por amor a ele, por educação, para que ele aprenda e para que seja uma coisa boa para toda família. Não é porque é filho dela que eu vou maltratar...” (Maria José)

Sendo uma das funções da família a educativa, é necessário, para que os que assumem os papéis de pai e mãe possam exercê-la, que sejam considerados pelos filhos portadores de alguma autoridade, para que consigam orientar-lhes a respeito do que seja certo ou errado, e para que possam reprimir-lhes os instintos, função salientada por Freud (1996e)Lacan (2002) e Fromm (1976), dentre outros autores psicanalistas. O reconhecimento da autoridade desses pais sócio-afetivos os aproxima ainda mais da imagem de pais que temos em nossa sociedade. Principalmente quando nos referirmos àqueles que desempenham a função

paterna, que a psicanálise sempre associou à censura e à interdição, vendo o pai como portador do poder e da autoridade.

- **Tratamento isonômico entre os filhos**

As entrevistas mostram que o fato de o padrasto/ a madrasta agir com os enteados da mesma forma que age ou agiria com os filhos possibilita a percepção dos mesmos como pai ou mãe.

“Não sinto diferença nenhuma não (...) Acho que eu, voltando atrás, nunca fiz uma distinção assim. (...) É normal, igual para todos eles. (...) Não tem essa diferença, não tem diferença nenhuma.” (Rodrigo)

“... eu me lembro assim, que quando ele colocava uma de castigo, ele colocava todo mundo. (...) Sempre fez pra gente tudo que fez para os filhos dele.” (Aline)

“Eu nunca vi realmente, sinceramente, eu fazer isso, privilegiar os meus filhos em detrimento das filhas dela (...) eu fui, coloquei todos os outros no colégio que a Agata queria. Eu achei que foi uma troca ruim, mas eu fiz isso, para manter todo mundo junto, todo mundo igual. Questão de igualdade no tratamento.” (Daniel)

Em oposição, sendo o tratamento diferenciado para filhos e enteados, a percepção do adulto pelos grupos de crianças tende também a ser diferenciada. É curioso observar, por exemplo, que, na família de Aline, apesar de Daniel ser percebido como pai pelas filhas de Ágata e as crianças todas se perceberem como irmãos, independente de sua origem biológica, em nenhum momento Ágata é percebida como mãe pelos filhos de Daniel, mesmo sabendo que ela também entrou na vida deles quando eram muito pequenos e que o espaço psico-maternal de ambos estava vazio, como se deduz das declarações de Alessandro:

“...meu pai teve um laço mais forte com a gente do que a minha mãe. (...) Tenho um contato mínimo assim, ah sei lá, esse ano ele me ligou, mas, esse ano acho que eu nem falei com ela. Mas não tem muito contato porque eu não fui criado por ela, então não teve aquele afeto, aquela coisa assim. (...) a gente já não tinha um convívio assim. (...) porque na separação (...), eu tinha menos de 2 anos, então não tenho memória nenhuma mesmo, zero. Não tenho lembrança nenhuma. Depois disso cheguei a ver minha mãe algumas vezes, mas assim, duas ou três férias que passei com ela, mas não é a mesma coisa. (...) eu sempre tive ausência da mãe, por mais que meu pai já tenha casado de novo, eu nunca tive alguém que ocupou, que ocupou assim, desde o início, palavra meio estranha, mas eu considero que eu nunca tive mãe (...) A Ágata fez um pouco esse papel de mãe, mas não é a mesma coisa. (...) a gente por exemplo, se apegou mais às meninas

como irmãs do que ela como mãe. Não sei, acho que eu sempre tratei como madrasta, não como mãe mesmo.”

Vários fatores, obviamente, devem justificar isto. Mas, dentre estes fatores, a diferença que a própria Ágata sempre fez entre os seus filhos e os de seu marido, sem dúvida, contribuiu para essa diferença de percepção. Essa diferença do tratamento aparece numerosas vezes no relato de Aline:

“... pro Alessandro e pra Mirela ele tinha esquentado água. Aí a minha mãe dizia que eu tomava banho frio, essas coisas assim. O Alessandro e a Mirela eram criados de um jeito, eu de outro, então ficou um pouco difícil mesmo. (...) todo mundo se gostava, todo mundo se amava, mas tinha esse lado assim, as regras pra um e as regras pro outro.” (Aline)

“... por exemplo, às vezes a Mirela fazia alguma coisa, aí eu reclamava com a minha mãe, mas ela não batia nela, brigava com ela, não fazia nada disso. Mas, se acontecesse ao contrário, ela me sapecava, né? Então, eu via diferença nisso” (Aline)

Já Daniel, reconhecidamente, não fazia essa diferença ao tratar as crianças, facilitando a percepção dele como pai de todas:

“... eu nunca apanhei dele, ele nunca me bateu, nada disso, o máximo que ele fez foi colocar a gente de castigo e esqueceu a gente no castigo, mas nunca bateu (...) mas também não lembro dele batendo na Mirela.” (Aline)

Por outro lado, embora Aline tenha sido entrevistada a respeito de sua relação paterno-filial e fraterna, deixa escapar um comentário importante quando fala de sua mãe, que talvez melhor esclareça o ocorrido, ou seja, a dificuldade de Ágata de exercer a maternagem e assumir esse papel e essas funções, mesmo em relação às suas filhas:

“... é aí que eu lembro da minha mãe. ‘Ei, péra aí, eu tenho mãe!’, mas não consigo ter esse retorno, é uma coisa distante... Amo, não vou dizer que não, que não gosto, mas gosto de ficar perto um dia, uma tarde, um passeio, nada mais do que isso. Não sinto essa necessidade. (...) Faz falta porque é a minha mãe, ou talvez porque não tenha outra pessoa para colocar no lugar. (Aline)

Toda esta discussão me remete às palavras de Nogueira (2001), quando diz que pai (e podemos certamente ler aqui também mãe) tem que ser muito mais que pai jurídico ou biológico, tem que ser pai de coração, de adoção e de doação. A

disposição para se doar parece realmente ser requisito essencial para o reconhecimento de alguém não biologicamente ligado a uma criança como seu pai ou sua mãe.

- **Confiança**

A relação é também marcada pela confiança, pois os filhos reconhecem neles pessoas com quem podem dividir segredos e para quem pedir conselhos e orientações. Sentem que os “pais” são pessoas com quem eles podem contar sempre, que estão sempre prontos para lhes defender e proteger. E eles também costumam ser pessoas com as quais os pais podem contar.

“Me conta... vamos dizer assim, tem certas coisas que ele vem pro meu lado, tem certas coisas que vai pro lado da mãe dele”.(Rodrigo)

“Ah conta, tudo que acontece aqui ele conta. Ele é levado, não vou dizer que ele é santo, às vezes a tia briga com ele e ele diz que não fez nada, aí eu falo para ele parar, porque a tia não ia brigar com ele à toa.” (Bianca)

“Eu confio nele, essa é a palavra certa. Confio nele, e ele me passa segurança. Eu sei que se precisar de alguma coisa ele está ali (...) Eu tenho um conforto aqui com ele, que é de família. Ele vai tá ali sempre. Posso dormir tranquilo”. (Rafael)

“A minha mãe me defende e eu defendo ela. (...) Às vezes, os meus colegas falam para mim não contar, mas eu conto” (Marcelo)

“Era uma intimidade louca (...) qualquer coisa. Eu não tinha medo de falar, apesar de respeitar muito, eu não tinha medo.” (Aline)

“Em uns momentos críticos aí que aconteceram, quando ela ficou grávida, foi aqui em casa que ela encontrou apoio.” (Daniel)

“... ela tá aqui comigo e quer sair, não tem como, ela não vai, fica em casa porque eu tô e tô precisando dela. Mesmo que eu nem percebesse, ela tava ali, às vezes muito mais olhando o que iria me fazer bem mais do que o que iria fazer bem a ela. (...) Tem sempre aquele segredo que se conta pra mãe... (...) Então é sempre pra ela que eu corro.” (Gina)

Nas entrevistas de Aline e de Daniel, surge um dado bastante interessante... a perda da intimidade que eles um dia tiveram, o que acontece à medida em que ambos vão se distanciando, rareando as oportunidades de contato.

“Hoje em dia não.(...) o que hoje é de repente pra mim, antes era certeza, de que nada ia me acontecer, que ele ia estar lá. Eu tinha essa idéia. (...) Com meu pai, ficou seco, mas não era não, era muito legal. (...) Sinto muito das coisas terem mudado. Às vezes eu fico tentando culpar alguém, mas sei lá, aconteceu.(...) acho que eu comecei a viver muito aquilo com o Gustavo, eu acho que eu já não queria mais ir, não conseguia me dividir, aí não sei dizer,... acho que sei dizer sim, foi exatamente isso, eu não conseguia me dividir entre um lado e o outro (...) acho que depois que eu fiquei com o Gustavo, as coisas mudaram, e depois que ele conheceu a Marta. A minha presença é a presença da minha mãe, e acho que isso incomoda um pouco ela. (...) depois que ela chegou a gente assinou assim, essa carta de despedida, aos pouquinhos vai mudando. Às vezes a gente tenta dar um gás, mas não é a mesma coisa”. (Aline)

“...nosso relacionamento, ao longo desse tempo, ele foi esfriando, ele não é a mesma coisa porque as nossas vidas foram tomando outros rumos (...) Eu não enxergo ela mais como minha filha, conforme já enxerguei no passado, quando a gente morava junto. Agora, eu vejo ela como uma menina que eu ajudei a criar.(...) Ela me sente como pai dela, sei disso, mas lamento não poder retribuir na mesma medida. Não sei, do mesmo jeito que aconteceu, ‘desaconteceu’. O afastamento fez isso.” (Daniel)

Essas declarações são bastante curiosas, principalmente por terem vindo da mesma pessoa que, em outro momento da entrevista, quando perguntado se, na ocasião da separação, chegou a pensar em ficar com a guarda das meninas, filhas da esposa, que não são suas filhas biológicas, declarou:

“Olha, chegou um momento que sim, mas isso aí a Ágata jamais admitiu. (...) em um dado momento, eu cheguei a pensar nisso, a gente conversou, eu e ela, e ela disse que de jeito nenhum, que era para eu me sentir satisfeito dela já deixar o Cris.”

E que relatou fatos acontecidos muito tempo depois da separação do casal, tais como:

“...ela quis fazer Normal, então ela cursou ali no Sarah Kubitschek o Normal, e precisava apresentar lá um pai para se responsabilizar pela escola. Ela falou comigo e eu fiz às vezes de pai. Até aquele momento, o *link* ainda era forte”

Mas talvez, a resposta para a charada seja dada pelo próprio entrevistado, ao afirmar:

“...mas a partir daí, 17, 18 anos, veio a questão de namorados, ... aí eu já não sabia de mais nada, ela não me contava nada, o que eu sabia era através de outras pessoas. Fomos perdendo a convivência. Ela foi vivendo a vida dela, teve que largar o trabalho, parou de estudar porque o horário não era compatível, aí em seguida veio a questão da gravidez e eu soube de tudo assim, pelos outros, nunca mais participei de nada. Eu acho o seguinte, se essa confiança tivesse mantido, eu seria diferente. Eu acho que assim, eu fui deixado pra último plano então eu

pensei que já tinha feito a minha parte, que agora ela já sabe se criar, então deixa pra lá...”

Essas declarações remetem-me mais uma vez à questão do afastamento dos pais que se divorciam e não ficam com a guarda, e de como a relação, de acordo com as pesquisas feitas por Ramires (1997), tendem a esfriar e distanciar, mesmo quando os filhos são biológicos... Tudo isso nos leva a questionar sobre quantos daqueles pais biológicos têm essa mesma sensação ao pensarem nos filhos, de serem apenas crianças que ajudaram a criar por um período, ou que ajudaram a colocar no mundo, mas não podem manifestar isso, ou não têm coragem de admiti-lo, pelo simples fato de haver vínculo consanguíneo entre eles.

As declarações de Daniel confirmam a necessidade da convivência e da participação de um na vida do outro para a manutenção do vínculo parento-filial na esfera psico-afetiva tanto do pai / da mãe, quanto do filho.

- **Orgulho filial**

O orgulho que os filhos geralmente sentem pelos pais também está presente nas respostas dos entrevistados.

“Eu vejo assim, que ele se sente orgulhoso de ter um cara como eu. Assim, pô, ‘você é um cara batalhador e foi vitorioso’, ele me acha assim, entendeu? E ele gosta disso”.(Rodrigo)

“Super Herói mesmo. É, tinha essa idéia” (Aline)

Os pais são os primeiros modelos dos filhos, ideais a partir dos quais eles constroem toda a sua subjetividade. (Freud,1996); A mãe aparece sempre como alguém idealizada, tanto em poemas e poesias, nos quais é sempre descrita como um ser perfeito, ideal de amor, doçura e devoção, como em antigos textos técnicos, em que lhe eram atribuídas pesadas e arbitrarias prerrogativas. (Badinter, 1985; Falcke, 2002; Ghiaroni, 1998; Jara, 1998; Klein, 1982; Rousseau, 2004; Winnicott, 1982; Bion, 2004)

O pai, por sua vez, numa perspectiva mais tradicional, devia se manter distante, frio e inatingível para seus filhos, autoridade máxima da vida familiar, detentor da última palavra e de todo o poder de decisão, propiciando, por este meio, que os filhos tivessem uma imagem bastante idealizada dele. (Dolto, 1997;

Jablonski, 1995, 1999; Rousseau, 2004; Winnicott, 1982 Ramires, 1997; Silveira, 1998) Mesmo este distanciamento tendo já se alterado muito em relação aos “novos pais”, ainda hoje é esperado que os pais dêem aos filhos os melhores exemplos de conduta. (Cuschnir, 1991; Jablonski, 1998, 1999; Kuhn, 2005; Ramires, 1997; Silveira, 1998)

Em verdade, vemos a cultura presente nesse ponto em dois aspectos. No primeiro, na medida em que influencia a forma de ver dos filhos quando estes encaram os próprios pais. Em segundo lugar, a conduta desses pais, que, também influenciados pelas imagens de pai e mãe, buscam seguir o “roteiro”, culpabilizando a si próprios quando, por qualquer razão, não o conseguem.

- **Percepção de semelhanças**

Os filhos reconhecem em si mesmos características semelhantes às dos pais sócio-afetivos, demonstrando muita satisfação por isso.

“O jeito, uma parada que, uma coisa que todo mundo fala é o jeito que eu trato minha namorada assim, o jeito que ele trata minha mãe. Ele é carinhoso, bondoso, tipo, ele é muito bom. Na verdade ele é muito maneiro, assim. E eu sou assim com as pessoas também. Tipo, acabo pegando isso. E pô, tem gente que fala que eu pareço assim com ele, com o jeito de andar. Tem gente que fala, não sei, acho que o convívio fez com que a gente parecesse. O jeito de falar, às vezes, você pega, manias, acho que isso.” (Rafael)

“... acho que eu sou muito direta igual a ele. Assim, às vezes eu olho a minha mãe e não consigo ver nada dela em mim. Eu penso no meu pai biológico (...) e eu não tinha essa relação com ele, era bem diferente.” (Aline)

“... nós temos opiniões fortes e a gente bate muito de frente”. (Daniel)

“É até engraçado, mas é uma coisa que a convivência vai fazendo. (...) parece comigo falando. (...) que pegou, pegou.” (Maria José)

Sendo os primeiros objetos de identificação dos filhos, como salientam Freud (1996), Dolto (1997), Fromm (1976), Lacan (2002) e Winnicott (1982, 1999, 2001), dentre outros autores psicanalíticos, é natural que aqueles que desempenham perante eles funções ditas maternas ou paternas se tornem modelos para a criança, que, segundo esses mesmos autores, tende a copiar traços do seu comportamento e da sua personalidade, apropriando-se deles na sua constituição

como sujeito. Isso explica as semelhanças encontradas entre pais e filhos sócio-afetivos, mesmo não havendo qualquer elo genético entre eles.

- **Preocupação parental**

A preocupação normal de pais com filhos também aparece bem destacada nos discursos dos entrevistados.

“Lógico, eu fico preocupado, como todo pai que tá vendo como as coisas estão difíceis, tanto o mercado de trabalho como a vida em si está difícil (...) Agora, a gente tá sempre com medo, né? Tá passando aqui, tem uma bala perdida; ali, tem uma briga; aí, vem um cara e avança o sinal. Então é difícil, na idade que ele tá”. (Rodrigo)

“Mas eu falo pra ele que o Marcelo precisa sair, que ele fica muito sozinho, não tem ninguém pra brincar, que eu preciso levar ele para sair.” (Bianca)

“Ah, principalmente por questão de estudos.(...) O rendimento dela sempre foi abaixo do que eu achava que poderia, se se dedicasse. Eu achava ela sempre muito preguiçosa em relação a isso, não somente em relação ao colégio, mas em relação à casa também.(...) ... eu sempre tive essa preocupação, de passar pra eles o melhor.” (Daniel)

“... falei com uma amiga psicóloga que eu tinha, chamada Albertina, disse que eu ia levar a Gina lá para conversar, sem dizer que era psicóloga, que ia dizer que era para ela conversar sobre a faculdade, decidir qual a carreira, que era uma psicopedagoga, tentar esse caminho (...) Ela sofria e não falava nada, ficava calada, . Eu dizia para ela que ela tinha que falar, chorar, gritar, cuspir, espernear, quebrar um copo. Está com raiva, fala, grita, senão dá stress. Ela ficava muito calada, muito travada.” (Thereza)

“... preocupação, porque ele anda meio mal na escola.(...) Quando olho o boletim assim, esse último que veio, acho que é uma frustração de mãe assim, que quer ver... Mas a gente não vai desistir não, a gente vai procurar meios de ajudar, fazer acompanhamento, tentar colocar ele em coisas que ele gosta de fazer (...) Fazer alguma coisa para que ele fique feliz” (Maria José)

Se a pesquisa de Ramires (1997) demonstrou que os homens entrevistados tinham preocupações, dúvidas, fantasias e sentimentos muito semelhantes àqueles que as mães costumavam ter, as entrevistas realizadas deixam claro que o mesmo acontece quando a paternidade ou maternidade é apenas sócio-afetiva. Nenhuma diferença parece existir entre as apreensões e inquietações desses pais e dos pais biológicos, o que só comprova a tese de que esses sentimentos não provêm do sangue, mas sim do afeto compartilhado no dia-a-dia.

- **Ciúmes filiais**

A relação desses filhos não biológicos com seus pais sócio-afetivos também é marcada por ciúmes, tão característicos nos filhos naturais.

“Hoje ele disse que eu só cuido do mais velho, quer dizer, do mais novo, e que eu mimo demais o mais novo, aí ele tem um pouco de ciúmes” (Rodrigo)

Perguntado a respeito do nascimento da filha, se gerou ciúmes em Rafael, Rodrigo afirmou:

“Quando ela nasceu não, mas quando ela já tinha seus 4, 5 anos...” Indaguei então de quem Rafael demonstrou ter ciúmes, se de Rodrigo, da mãe ou de ambos. Rodrigo respondeu: “De mim”.

“Eu tenho uma irmã caçula, ela me chama de “minha mãe”, porque ajudei a criá-la (...) Aí ela chega me chamando de mãe, aí ele diz para ela esquecer, porque eu sou só dele, eu sou a mãe dele, de mais ninguém. Ele brigou com ela”. (Bianca)

“...eu sempre pensei: “Poxa, ela me ama de verdade, eu sou a filha mais velha dela de verdade, e ela sempre me chama de bebê”, por mais que cresça, vai ser sempre bebê (...) Às vezes eu brinco com ela, que ela tá dando mais atenção pra ele. (...) ...eu brinco com ele, mando ele crescer e aparecer porque eu estou aqui antes dele. (...) Lógico que ela vai dar mais atenção pra ele, porque se você comparar, eu tenho 19 e ele tem 7 meses. A atenção tem que ser diferenciada.”.(Gina)

“...ela reclamava da atenção ter diminuído, mas eu explicava que ele era bebê, precisava de atenção, trocar fraldas, e tudo o que é necessário para um bebe. Mas sempre a gente dava explicação para ela não se sentir abandonada. Hoje em dia está muito bom. Quando eu saio ela quer ser acompanhante dele. Às vezes, quer colocar ele para dormir.” (Thereza)

Rufo (2003), quando trata da relação entre irmãos, ressalta a imensa insegurança dos filhos que têm que compartilhar o afeto dos pais com os irmãos, e do conseqüente medo de que estes não sejam capazes de amar a todos simultaneamente, ou elejam o outro como seu preferido, amando menos a ele próprio. É interessante perceber que, na família sócio-afetiva, encontramos do mesmo modo essa característica nos filhos, o apego aos pais e o receio de perder seu amor ou de ser menos amado, exatamente como acontece em relação aos pais biológicos.

- **Relação com a descendência**

Quando a criança vê um determinado adulto como seu pai ou sua mãe, quando se torna adulto, seus descendentes tendem a ter essa mesma percepção, independente da existência ou não de laços biológicos:

“Com o meu pai também: é vovô pra cá, vovô pra lá, ele já adotou o meu pai.”
(Aline, a respeito do seu filho, Diogo)

“... para a minha filha, porque eu tenho uma filha, ele é o avô dela, totalmente. Assim como o meu irmão, que teve uma relação difícil com ele, o filho dele também é neto. (...) Para os netos, é indiferente. A filha da Lia, a minha e a do meu irmão, é indiferente. Nessa geração é como se fosse tudo de sangue mesmo.”
(Linda)

Esses depoimentos reforçam mais uma vez o conceito de família como uma entidade sobretudo cultural, como quer Lévi-Strauss (2003), socialmente mediatizada em suas estruturas mais íntimas, como pleiteam Adorno e Horkheimer (1976), eis que, como diz Bock (2001), as subjetividades de seus membros vão se produzindo conforme mudam a cultura e a realidade histórica. Os relatos dos entrevistados também reafirmam a idéia de ser a família uma moldura a ser preenchida com vida e sentimento, como defende Fachin (1996), não podendo ninguém, além dos próprios membros que a constituem, decidir a respeito de sua formação e configuração, ou do modo como se conduzem as relações em seu interior, como afirma Carbonera (1998).

- **Preocupações jurídicas**

Alguns dos “pais” demonstram preocupação com o fato de nada lhes garantir o direito de permanecerem com as crianças, caso algo aconteça com seus companheiros, pais biológicos das mesmas. Os filhos, por sua vez, também demonstram medo de serem obrigados, um dia, a deixarem esses que vêem como pai ou mãe e terem que morar com seus pais biológicos, o que desejam evitar a todo custo:

“Não sei se é obrigado a gente casar para tomar conta do garoto. Pra ter direito ao garoto (...) Ele se preocupa muito. Ele é um avô que se preocupa com tudo. Então ele tava preocupado que... Ele foi no fórum né, e uns amigos lá disseram que ele tinha que casar, pra mim ter mais direito à criança. E eu acho que não...”(Bianca)

“Eu tinha medo, será que eu vou acordar e meus pais, o Rodrigo e a minha mãe, não vão está aqui? Tinha medo disso. Aí eu ia morar com o meu avô, não ia querer morar com meu pai biológico, eu ficava pensando nisso. Perdia noites pensando nisso. Eu sabia que se acontecesse alguma coisa com meu pai (Rodrigo), eu ia ter que morar com ele (o pai biológico). Eu tinha medo dessa lei. Aí, eu tinha que arranjar um jeito de não ir...” (Rafael)

Questionada sobre a hipótese de alguém querer lhe tirar a guarda de Junior, caso algo acontecesse com sua companheira, a mãe biológica do menino, Maria José afirma:

“... vou brigar até o fim da minha vida para que isso não aconteça. Acho que é meio coisa de ditadura! Aqui só existe amor, não tem uma coisa legal que vá me convencer que estou fazendo alguma coisa errada. Acho que eu brigo até com o papa. Acho inadmissível.” (Maria José)

Em se tratando da família biológica, a preocupação com a guarda aparece muito mais comumente entre os pais do que entre as mães, tendo em vista que, tradicionalmente, as decisões jurídicas se filiam ao modelo segundo o qual os cuidados com os filhos são objeto do monopólio feminino, sendo as mulheres muito mais aptas para realizá-los, como asseveram Ramires (1997) e Silveira (1998).

Já quando se trata da família sócio-afetiva, percebe-se que esta preocupação aparece indistintamente em homens e mulheres, desde que não tenham vínculo biológico ou jurídico com o menor, permanecendo essa relação, por isto, sem qualquer proteção legal. Nesse caso, também a preocupação dos próprios menores se evidencia, já que o fantasma do afastamento os ronda não só diante da possibilidade de separação do casal parental, mas também diante da morte eventual daquele com quem possuem laços consangüíneos, caso em que a letra fria da lei os obrigaria a ir morar com outros familiares biológicos, com quem, na maior parte das vezes, não têm nenhuma intimidade ou aproximação.

5.3.2 – Relação fraterna:

Da análise das entrevistas com as duplas fraternas, e mesmo de comentários sobre os irmãos feitos durante entrevistas com as outras duplas, emergem as seguintes categorias:

• Identificação como irmãos

Fica evidente, em todos os relatos, que os entrevistados consideram-se, reciprocamente, como irmãos, independente da continuação ou não da relação de seus pais, referindo-se desta forma, uns aos outros, ao se apresentarem a outras pessoas.

“... nós somos irmãos por opção e não porque Deus quis. O relacionamento dos nossos pais acabou e ninguém tá obrigando a gente a ter aquele título de irmãos. Porque quando há um relacionamento, todo mundo dá o título de irmãos. Mas aí, quando tudo acabou, a gente não precisava mais viver assim. E a gente não quis se separar.” (Aline)

“... apresentei a Aline como minha irmã, como sempre faço.(...) a gente não tem dúvidas, a gente é irmão. (...) A relação deles, eles cortaram, mas a relação da gente continua de irmão. O casal se separou, mas nós continuamos nos tratando como irmãos.” (Alessandro)

“Quando eu vou encontrar a Lia, eu falo que vou encontrar a minha irmã. Quando tenho que apresentá-la, eu digo: “essa é a minha irmã”. Os irmãos da Lia também sempre me apresentam como irmã. Então tem isso. Quando me perguntam quantos irmãos eu tenho, eu falo que tenho sete: dois de sangue inteiro, três de criação e dois de meio sangue.” (Linda)

Aqui, como acontece na análise da relação parento-filial, os depoimentos dos entrevistados me fazem lembrar as descrições de povos feitas por diversos autores, referidas no primeiro capítulo. Dentre elas, pode-se destacar o caso das tribos australianas descritas por Freud (1999), nas quais usa-se o termo “irmão” para se referir não apenas a filhos dos pais biológicos, mas também aos filhos de todas as pessoas que possam tê-los gerado, com as quais mantenham uma relação de pais e filhos.

Mais uma vez se vê aqui reforçada a teoria de Lévi-Strauss (2003), para quem a família biológica é apenas uma abstração, sem nenhuma relação mais profunda com a realidade histórica, muito mais certamente caracterizada pela invasão da cultura no campo da natureza do que por ser algo biologicamente dado.

Mais especificamente tratando das relações entre irmãos, os entrevistados parecem confirmar as idéias de Rufo (2003) a respeito da formação da fratria, que, segundo ele, deve-se muito mais à partilha de momentos vividos e de lembranças comuns do que a fatores biológicos, não sendo, no dizer de Angelou (*apud*

McGoldrick & Carter,1995), o mero acidente de um nascimento que torna as pessoas irmãs, mas sim o investimento feito durante o tempo da relação.

- **Precocidade do conhecimento**

Ao que parece, conhecer e conviver com o outro durante a infância é um ponto crucial para senti-lo como irmão, sendo mais difícil surgir esse sentimento quando o conhecimento acontece mais tarde.

“... eu acho que por a gente ter se conhecido tão cedo assim, acho que ficou mesmo como irmão. Hoje em dia, meu pai é quase casado de novo e a esposa dele, tem outro filho que é da idade do Cris, e eles têm um relacionamento, exatamente, estão mais novos e se conhecem mais ou menos desde a idade que a gente se conheceu; então o Cris já tem uma ligação maior de irmão. Eu gosto e tal, mas não chamo de irmão, não apresento como meu irmão.” (Alessandro)

Rufo (2003) postula que uma fratria só chega a existir realmente quando constituída ao longo da infância. Mesmo entre irmãos biológicos, se o irmão chega quando o outro já vive a fase adulta, e está preocupado em construir a própria vida e a própria família, a relação que se estabelece é de outra ordem, o que o depoimento de Alessandro parece confirmar. É preciso que a fratria se constitua a tempo de seus membros criarem uma história de vida comum para que os laços fraternos típicos se constituam. O sentimento de pertencimento à fratria só acontece realmente, sejam os laços biológicos ou não, caso tenha havido a partilha de acontecimentos íntimos e momentos decisivos, crescendo e progredindo os irmãos juntos, lado a lado. É isto o que cimenta o sentimento de irmandade.

- **Ciúmes**

O ciúme dos “irmãos” e a disputa pelo amor dos pais marcam profundamente essas relações, sendo tão comuns nelas quanto são nas relações desenvolvidas pelos irmãos biológicos. Apareceu também, algumas vezes, um sentimento de menos valia dos filhos sócio-afetivos, em relação a seus irmãos biologicamente ligados ao genitor.

“...quem brigava era eu e o Alessandro, se meu pai e minha mãe brigavam, era por causa de mim e do Alessandro (...) Na verdade, a gente brigava por ciúme.” (Aline)

“... no primeiro momento teve muita ciúmeira sim, principalmente teve muito atrito entre os dois da mesma idade, que é o Alessandro e a Aline, quebraram muito pau. (...) Mas aí com o tempo, cada um achou seu espaço e aí esses atritos diminuíram bastante.” (Daniel)

“Na época, acho que a gente era novinho, deve ter ficado com um pouco de ciúmes, faz parte, a criança quer o pai só pra ela, mas depois de um tempo a gente começou a se dar bem (...) ... esse negócio de ciúmes eu sempre tive, eu sempre gostei muito mesmo do meu pai.” (Alessandro)

“...foi difícil. Teve muito ciúme. De repente tem que compartilhar o espaço com pessoa que você não tem muita intimidade, a criança tem ciúmes, né? (...) a gente teve que dividir o pai, o espaço, ... eles estão convivendo todo dia com o meu pai e a gente não (...) Eu senti assim... (...) que eu tinha pouco, então eu ficava com muitos ciúmes. De ter que dividir a atenção dele com tanta gente.” (Lia)

A literatura é farta a respeito dos ciúmes entre irmãos (McGoldrick & Carter, 1995; Rufo, 2003; Silveira, 2002; Perez, 2002), pois talvez esta seja a característica mais marcante dessa relação. Rufo (2003) declara que o ciúme entre irmãos é um sentimento natural, devendo inclusive os adultos se preocuparem mais com as crianças que não o demonstram por nenhum meio.

Tratando da relação entre meio-irmãos, este autor sinaliza que nestes casos, como nos casos de irmãos adotivos, o ciúme parece ser ainda maior, pois, de um lado, o adotivo e o filho que não mora na mesma casa que os pais fantasiam que o filho de sangue ou aquele que mora com o pai ou a mãe no dia-a-dia é mais amado e querido por este motivo. Por outro lado, aquele que é o filho biológico e que mora permanentemente com o pai ou a mãe, pode não entender e não aprovar a idéia de ter que dividir as atenções e carinhos deste(a) com o “invasor”, considerando a si próprio o legítimo detentor do direito a toda a afeição paterna/materna, e ao outro, como um usurpador desse seu direito. Percebe-se, pelas entrevistas, que o mesmo acontece, às vezes, na relação desenvolvida entre irmãos sócio-afetivos, em que um tem laços sanguíneos com o pai ou mãe sócio-afetiva do outro, sendo legitimamente considerado filho deste, sendo esta outra característica própria de irmãos que foi possível detectar.

- **Brigas e implicâncias mútuas**

É comum que, principalmente na infância, tenham ocorrido muitas brigas entre eles, especialmente porque tiveram, assim como acontece com os irmãos biológicos, que aprender a dividir tudo: o espaço, os objetos, a atenção dos pais.

“...eu fui pra lá e tive que aprender a dividir, mas foi um pouco difícil.” (Aline)

“Ah, eu acho que eu discutia mais com a Aline porque a gente tinha a mesma idade. Por besteira assim. (...) coisa de criança mesmo. (...) Ela tem um temperamento meio explosivo, eu também sou meio assim, então de vez em quando a gente discutia.” (Alessandro)

“O filho mais novo do Haroldo, tem a mesma idade do meu irmão mais velho, e eles são muito diferentes. E dividiram o quarto a vida toda. Eles eu acho que tinham uma relação difícil. (...) O Edu é menino, né? Ele batia muito na gente, aquela coisa de irmão implicante? Ele era muito implicante. (...) Na infância que eu achava ele um chato, estragava as nossas brincadeiras. O Miro também, eu achava os dois chatos” (Linda)

“...quem teve mais problema foi o Miro e Eduardo, que tinham a mesma idade, de um pegar a coisa do outro (...) eles dividiam o mesmo quarto, aquela coisa do espaço.” (Lia)

Os relatos de briguinhas e implicâncias existentes na relação entre esses irmãos sócio-afetivos lembram o quanto essas mesmas coisas caracterizam também, muito comumente, a relação entre irmãos biológicos. McGoldrick & Carter (1995) assinala que disputas, conflitos e rivalidades são bastante comuns na relação entre irmãos, pois, além de estes terem que dividir o afeto dos pais, espaço e objetos, ainda passam por todo um processo de construção da própria personalidade, em que a identificação das diferenças existentes em relação aos irmãos é fator proeminente, favorecedor do crescimento e do desenvolvimento das auto-definições.

Rufô (2003), por sua vez, ressalta que o relacionamento fraterno é a relação de base igualitária mais íntima que se costuma ter, proporcionando uma ampla e complexa rede de aprendizagens, tais como as de disputas, negociações, cessões, aceitações,... Aprendizagens essas que servem de laboratório, dando o suporte necessário para o estabelecimento de relacionamentos futuros, experimentados fora do núcleo familiar. Na relação com os irmãos, aprende-se a tolerância das diferenças, desenvolvendo-se a capacidade de resolução de

conflitos e impasse, de adaptação às situações de frustração e a maturidade para lidar com perdas e ganhos, com fracassos e vitórias. Tudo isso, pelo que surgiu nas entrevistas, acontece também na relação dos irmãos sócio-afetivos.

- **Espelho**

É comum também que um sirva de espelho para o outro, sendo tomado como modelo, de forma espontânea, ou pela insistência com que os pais fazem comparações entre eles.

“Ah, a Mirela pra mim é tudo! (..) é 2 anos mais velha (...) eu sempre tentando copiar o que ela fazia. Ela era o meu modelo, e ela não queria que eu copiasse. (...) Ela não queria que as amigas dela fossem as minhas amigas, e eu queria que todas as amigas dela fossem as minhas.(...) Assim, eu queria ser o que ela era. O que ela era pra mim tava bom.” (Aline)

“meu irmão é muito bagunceiro, ele era muito artista e o Edu todo certinho. (...) foi difícil. Eles eram amigos, mas ao mesmo tempo pro meu irmão não foi fácil não, porque sempre tinha a comparação de que o Edu era certinho e o meu irmão sentia muito isso.” (Linda)

Perez (2002), Rufo (2003) e Silveira (2002) tratam tanto do uso dos irmãos mais velhos como modelos idealizados para os mais novos, sendo por estes idolatrados, e servindo-lhes como referências e como objetos de identificação, quanto da tendência em se estabelecer comparações entre eles, normalmente com conseqüências danosas. Se, por um lado, o desejo de igualar-se – ou mesmo de superar – o irmão pode funcionar como um motor que provoca o aprimoramento pessoal do sujeito, por outro, o excesso de comparações e a falta de habilidade dos pais em lidar com as diferenças entre os filhos, podem fazer com que a rivalidade chegue a extremos, construindo no filho menos hábil uma auto-imagem frágil, e desenvolvendo sentimentos negativos que o levam a duvidar da própria capacidade. Este problema, pelo que surgiu nos depoimentos dos entrevistados, também pode acontecer na relação entre irmãos sócio-afetivos.

- **Adolescência compartilhada**

Na adolescência, assim como acontece com os irmãos biológicos, nota-se, pelos relatos dos entrevistados, uma tendência de aproximação, passando os “irmãos sócio-afetivos” a fazer os mesmos programas, dividir segredos e amigos,

e até servir de intermediários entre os irmãos e suas pretendentes ou entre irmãs e seus pretendentes, sendo comum que aconteçam namoros com os amigos de irmãos sócio-afetivos, exatamente como Rufo (2003), Silveira (2002) e McGoldrick & Carter (1995) afirmam que acontece com os irmãos biológicos.

“Teve uma fase que ele só queria sair comigo, ele tinha vergonha de dançar, de namorar, de ficar com outra pessoa, e comigo ele se soltava, ele não queria fazer isso na frente da Mirela. (...) Então a gente se apegou muito. Foi muito bom.” (Aline)

“... na infância a gente era muito unido, mas na adolescência, a gente saía junto, para se divertir, tinha alguns amigos em comuns.(...) Quando a gente veio morar no Estácio, eu fiz dois novos amigos, que era o Juliana e o Pedro. (...). E a Aline namorou um pouco com o Pedro, e ele era bem meu amigo, assim. Depois eles terminaram e ficamos todos amigos. Mas aconteceu.” (Alessandro)

“Ele foi cupido de um menino que era amigo dele que me adorava. Na adolescência foi diferente, já tinha melhorado, a gente saía junto, eu e o Edu, e ele ficava todo orgulhoso.” (Linda)

Durante a adolescência, segundo Perez (2002) e Rufo (2003), a relação dos irmãos é marcada pela cumplicidade e pelo bom entendimento, tornando-se uns testemunhas dos segredos e experiências dos outros. É a fase das confidências, sendo normal que surjam namoros com pessoas que circulam nos mesmos centros de interesse dos irmãos, tendo com eles afinidades de idéias e semelhanças psíquicas. Rufo (2003) ressalta as qualidades dos irmãos como recrutadores de maridos para as irmãs, e vice-versa. Situações muito semelhantes às encontradas nos relatos dos entrevistados nesta pesquisa.

- **Diferença de idade**

Assim como acontece com os irmãos biológicos, a existência de uma grande diferença de idade entre os membros da fratria dificulta a existência de uma maior intimidade entre eles, adiando o estabelecimento das trocas para a fase adulta, quando o nível de maturidade e as experiências vivenciadas por ambos se tornam semelhantes.

“...teve uma época que a diferença era muito grande, então, eu com 5 anos, ela era uma menina de 11 anos, eu com 10, ela era uma adolescente, e tal.(...) a gente foi ficando amiga no momento em que a idade já não era tão diferente. Mas tipo,

com qualquer irmã é assim, se você tem uma irmã de 10 anos e você tem 17, a relação é diferente. De 30 para 36, tem uma diferença, mas tem as experiências, já igualou. Acho que é isso assim.” (Linda)

“...certo momento ficou muito diferente, porque quando eu tinha 14 ela tinha 8, quando eu tinha 16, já tava namorando, ela era criança (...) ... era outro mundo. A diferença era grande, mas acho que a gente se aproximou mais de uns anos pra cá, quando ficou adulta.(...) não tinha muita troca por causa da idade né? Mas a gente sempre teve uma afinidade grande assim.” (Lia)

Rufo (2003) ressalta que, sendo a diferença etária entre os irmãos muito grande, o relacionamento não é tão próximo quanto aquele entre irmãos que fazem juntos as descobertas próprias de cada fase. Segundo ele, neste caso, os mais velhos tendem inclusive a desempenhar um papel de “sub-pais”, só estabelecendo uma relação mais próxima e igualitária quando chegam ambos a uma idade tal que a diferença etária existente não pareça tão relevante. As falas dos entrevistados confirmam que também nesse aspecto a fratria sócio-afetiva funciona de forma semelhante.

- **Cooperação e ajuda mútua**

A cooperação e a ajuda mútua também aparecem nas entrevistas, distinguindo esta relação, da mesma forma como comumente ocorre nas relações entre irmãos biológicos. A união dos irmãos sócio-afetivos é tão corriqueira quanto a existente entre irmãos consangüíneos.

“... as minhas condições mudaram, eu fiquei desempregada, então a Mirela me ajudou muito, pra tudo. Toda vez que acontece alguma briga familiar a Mirela me defende, ela fica do meu lado” (Aline)

“...numa época aí que ela passou por problemas, eu ajudava, levava o Diogo na escola...” (Alessandro)

“Então a gente sempre fez isso, uma ajudou a outra, essa coisa de irmã mesmo.” (Linda)

Segundo Rufo (2003), o apoio emocional e/ou financeiro e a solidariedade mútua existente entre os irmãos são fonte de energia extra, e, até por isto, os laços fraternos adquirem importância cada vez maior, na medida em que se envelhece. Sem dúvida, à parte todas as desavenças e conflitos que caracterizam a relação,

ela também é marcada por companheirismo e apoio mútuo, fatores que também percebemos nos discursos dos entrevistados da pesquisa.

- **Lembranças e parentes comuns**

Marcante também são as lembranças dos fatos vividos e das atividades compartilhadas entre os entrevistados, mais uma vez à semelhança dos irmãos biológicos. Encontros familiares têm papel de destaque na consolidação do sentimento de irmandade da fratria sócio-afetiva, e o fato de terem pelo menos um irmão em comum parece fortalecer esse sentimento.

“... a gente fazia mil passeios e isso era muito legal porque eles eram animadíssimos, meu pai e a Renata. Então eles colocavam os filhos no carro, aí a gente passava final de semana em Teresópolis, ia para Búzios, fazia programa no Rio, na Floresta da Tijuca, almoçava, aí ia pro Museu. Ele era muito assim, colocava os seus seis filhos e a gente saía pra passear. Nas férias, ele alugava casa em Búzios, ia ao teatro, no final de semana a gente fazia um monte de programas.(...) Eu me lembro da gente junto, viajando, fazendo programas.” (Lia)

“... há muitas lembranças boas. Viagens, a gente foi para a Bahia, todo mundo de uma vez. Lembrança de mesa cheia. Isso é muito bom. Jantares, sempre tinha uma coisa lá em casa e tava todo mundo junto (...) ...essas coisas de família marcam mais por causa das datas; os encontros familiares, são marcados pelas datas, tipo, Dia dos Pais, e esse encontro é de família.” (Linda)

“...como a gente ganhou um irmão em comum, ficou mais forte esse negócio de sermos irmãos, nós dois, eu e a Mirela, a Paloma e a Aline. E a gente teve um irmão intermediário.” (Alessandro)

McGoldrick & Carter (1995) afirmam que os irmãos compartilham mais de nossas vidas do que qualquer pessoa, estando, em geral, presentes nelas do início da nossa infância até o momento da morte, nossa ou deles. Silveira (2002) também afirma que ex-irmãos não existem, sendo eles pessoas totalmente integradas na nossa história, que testemunham de forma intensa várias de nossas experiências, numa relação que dura a vida inteira. Rufo (2003) também realça esse aspecto da relação entre membros da fratria, afirmando que esta é uma relação que se desenvolve no cotidiano, na partilha dos momentos vividos, nas experimentações e lembranças comuns. É o tempo partilhado que permite as trocas, o atizar e acalmar dos conflitos, a resolução das rivalidades,... e é esse tempo e essa convivência que fazem, segundo esses autores, com que um assumo,

no coração do outro, o lugar de irmão, independente da existência ou não de laços biológicos entre eles.

- **Fazer-se lembrado**

É comum que os irmãos sócio-afetivos desejem se fazer lembrados, através de troca de mensagens, lembranças e presentes.

“... a gente manda mensagens, que são as coisas mais, lindas: ‘Eu Te amo!!!’, ‘Já te disse que te amo hoje?’, essas coisas assim... A gente se curte muito.(...) ... dei uma camisa pra ela levar, sempre que ela usa me diz que está usando e que lembrou de mim. É sempre assim.” (Aline)

“... nessas mudanças todas, jamais houve realmente um afastamento real entre os meninos. (...) Eles se visitavam (...) trocavam muito bip, muita mensagem durante o dia todo (...) viviam se falando (...). Nos aniversários, a gente, sempre que possível, continuou comemorando todo mundo junto, fazia lá em casa. (...). Uma relação normal de irmãos. Isso aí em nenhum momento mudou.” (Daniel)

Rufo (2003) relata que, quando alcançam autonomia, os irmãos deixam de se ver com a mesma frequência, mas buscam manter contato, seja através de telefonemas, troca de fotos ou de correspondência, apreciando imensamente as oportunidades de encontro que surgem, como as festas, reuniões e comemorações familiares, por exemplo. Relata ainda este autor que estes reencontros são marcados por manifestações sinceras de afeto. Estas condutas também aparecem aqui, nos discursos dos entrevistados, sendo mais um ponto de semelhança que encontramos entre eles e os irmãos ditos “de sangue”.

- **Comparação com os irmãos biológicos**

O vínculo formado entre irmãos sócio-afetivos pode ser mais ou menos forte que o existente em relação aos irmãos biológicos. Os relatos dos entrevistados indicam que não está na natureza do vínculo a razão para uma maior intensidade do afeto existente entre os irmãos. Tempo compartilhado e afinidades pessoais parecem justificar melhor tal ocorrência.

“A Paloma é assim, é tudo que eu não gosto em uma pessoa.(...) Ela tem o jeito da minha mãe, as coisas que a minha mãe tem que eu não gosto, não admito, não aceito. Eu não tenho esse contato com elas; às vezes até eu ligo, mas fico logo irritada, já quero logo desligar o telefone, não consigo ficar conversando muito.

Sinto falta, aí quando sinto, ligo, escuto a voz e pronto, pra mim é suficiente. Não tenho aquela necessidade de estar perto daquela pessoa, não tenho.” (Aline)

“... a Mirela, eu conheço desde quando eu nasci, então o laço é assim, bem forte mesmo. (...) Por todas as fases, a Mirela estava sempre lá. Antes de nascer o Cris, antes da Aline chegar, depois que se separou, em todas as fases da vida, ela teve presente”. (Alessandro)

“... eu tenho uma irmã que mora em Belo Horizonte, e eu quase nunca falo com ela, a gente nunca teve relação. Então entre a Lia e ela, nem se compara. Ela é minha irmã porque não tem jeito, mas a relação com a Lia é bem diferente, nem se compara.” (Linda)

Angelou (*apud* McGoldrick & Carter, 1995) nega que o mero acidente de nascimento possa fazer de duas pessoas irmãs. Para esse autor, isto apenas dá aos filhos do mesmo pai e/ou da mesma mãe o direito à mutualidade de parentesco, pois ser verdadeiramente irmão requer muito mais que isto, requer comprometimento, dar e receber.

Já Rufo (2003) afirma que, sendo os irmãos biológicos separados desde cedo e criados distantes um do outro, sem oportunidade para ter lembranças e experiências em comum, são seus vínculos mais simbólicos que reais, e, por mais que desenvolvam depois uma relação amigável e afetuosa, jamais têm realmente uma relação típica de irmãos. Com isso, ele demonstra que a biologia não é forte o bastante para criar esses laços, defendendo ser possível que se estabeleça relações mais próprias de irmãos com pessoas sem ligação genética mas com quem se tenha sido criado junto, do que com irmãos de sangue com quem não se teve convivência.

As falas dos entrevistados confirmam plenamente essas idéias. Percebe-se, pela sua análise, que não é o vínculo consanguíneo que determina a força e intensidade do vínculo existente entre os irmãos, mas sim as memórias e vivências com eles partilhadas.

- **Descendência**

Interessante notar que, para a geração seguinte, nenhuma diferença há entre os parentes, não importando a natureza do vínculo que constitui a fratria.

“O Diogo (filho de Aline) só chama o Alessandro de tio pra lá, tio pra cá. Do mesmo jeito que ele gosta da Mirela, ele gosta do Alessandro.” (Aline)

“Eu me considero totalmente tio, gosto muito do Diogo, como sobrinho mesmo, assim, como se fosse... Não é como se fosse, porque pra gente é, da mesma família.” (Alessandro)

“... a filha da Lia é minha sobrinha, assim como a minha filha é sobrinha dela. (...) A minha mãe e o Haroldo, falam que vão sair com os netos, e pegam todas as crianças, a Consuelo, o Helinho e a Beatriz. (...) Eu acho que nessas famílias quando vem a outra geração, dá uma solidificada. O neto é neto igual”. (Linda)

Mais uma vez, assim como acontece na análise da relação parento-filial, aparece esse aspecto, da ausência total de diferença, para os membros da nova geração, causada pela diferença da natureza do vínculo que une seus pais à família sócio-afetiva, sendo o sentimento e o tratamento dispensado à descendência dos filhos e irmãos sócio-afetivos os mesmos que os despertados pelos descendentes dos filhos e irmãos biológicos. Isto vem, mais uma vez, reforçar a idéia de que família é uma entidade sobretudo cultural, como proclama Lévi-Strauss (2003), uma moldura a ser preenchida com vida e sentimento, como defende Fachin (1996), e de que ninguém, além dos próprios membros que a constituem, pode decidir a respeito de sua formação e configuração, ou do modo como as relações em seu interior são conduzidas, como diz Carbonera (1998).

- **Altos e baixos**

O relacionamento dos irmãos sócio-afetivos, exatamente como o dos irmãos biológicos, enfrenta altos e baixos, tendo as dificuldades naturais a qualquer convívio entre pessoas humanas.

“... foi assim, com perdas e ganhos para todo mundo. É uma relação boa, mas difícil também. (...) a gente virou uma família grande.” (Linda)

“Às vezes, já é difícil até com os próprios irmãos de sangue (...) porque essa coisa de irmão, não é porque nasceu do mesmo pai e da mesma mãe que tem afinidade, vai ter uma relação boa, uma coisa nada tem a ver com a outra. (...) criança aprende a conviver, eu acho, a gente aceita, a gente vai aprendendo”. (Lia)

Assim como apontado por Rufo (2003), em relação ao relacionamento existente entre irmãos biológicos, a fratria sócio-afetiva é também marcada pela ambivalência, tendo tanto instantes de cumplicidade e felicidade compartilhada,

como momentos de crise, rivalidades e ciúmes. É marcada por bons e maus momentos, “altos e baixos”, “perdas e ganhos”, nas palavras dos entrevistados, sendo uma relação nem sempre fácil, como acontece também na relação entre irmãos de sangue, mas que, no entanto, tem também muitos aspectos reconhecidamente positivos.

- **Relacionamento atual**

O relacionamento dos irmãos sócio-afetivos, por maiores que tenham sido as dificuldades enfrentadas durante a infância e/ou a adolescência, na fase adulta é caracterizado sempre de forma positiva, sendo destacados por eles aspectos como o companheirismo, a amizade, a solidariedade.

“...a gente teve, assim, essa fase de briga, a fase de ser muito amigos, a fase da gente brigar feio, ficamos 2 anos sem se falar.(...) agora a gente tem uma relação legal.(...) a gente se curte, a gente conversa (...), a gente brinca, toda vez que a gente se vê, a gente se abraça, se beija.” (Aline)

“...a Mirela e a Aline, elas são realmente muito unidas. Elas têm uma relação... É a relação mais forte que ficou.(...) elas duas mantiveram esse *link* aí forte até hoje.” (Daniel)

“Mas a gente sempre se deu bem, agora mais do que nunca.” (Alessandro)

“A gente tem uma relação de amizade assim muito boa sabe? (...) a gente ficou muito amigas mesmo e eu sempre contei com ela como uma pessoa para conversar esses assuntos assim, de mulher. (...) é até melhor do que quando era pequena. (...) domingo a gente almoça juntas, na casa da minha mãe e do pai dela, tem essa coisa familiar e hoje eu acho que a gente aproveita mais, é ótimo. (...) E tem uma coisa de orgulho de irmã, eu acho que as duas têm aquela coisa de se sentir orgulhosa pela irmã e tal.” (Linda)

“Até o Edu que eu achava implicante, eu achava ele insuportável, e a gente é amigo (...) hoje em dia é muito melhor. (...) o Edu tem o maior carinho por mim, e pela minha irmã também, engraçado. Ele fica orgulhoso, me dá presente, dá presente pra Beatriz, me chama de irmã pra cá, irmã pra lá.” (Linda)

“Eu e a Linda, a gente fala de trabalho, porque ela trabalha com documentário, cinema; eu sou fotógrafa, então a gente tem uma afinidade profissional. A gente fala de relação, marido, ex-marido, a gente fala da família.” (Lia)

Rufo (2003) descreve o relacionamento fraterno na fase adulta de forma muito positiva, pois é uma época em que, normalmente, ciúme e rivalidade não

estão mais tão acentuados, e o relacionamento se enriquece com conversas que abrangem desde banalidades da vida cotidiana até as confidências mais íntimas. Apesar de todas as dificuldades e todos os aspectos negativos existentes nas relações entre irmãos, a pesquisa realizada por Perez (2002) demonstra que, sendo os irmãos solicitados para que definam sua relação, costumam citar apenas aspectos positivos, tais como “amizade”, “solidariedade”, “união” ou “cumplicidade”, o que demonstra que esses fatores, em geral, marcam profundamente a relação. Esta tendência à superação das rivalidades e valorização da amizade aparece também nas relações entre irmãos sócio-afetivos, como surge nas respostas dos entrevistados.